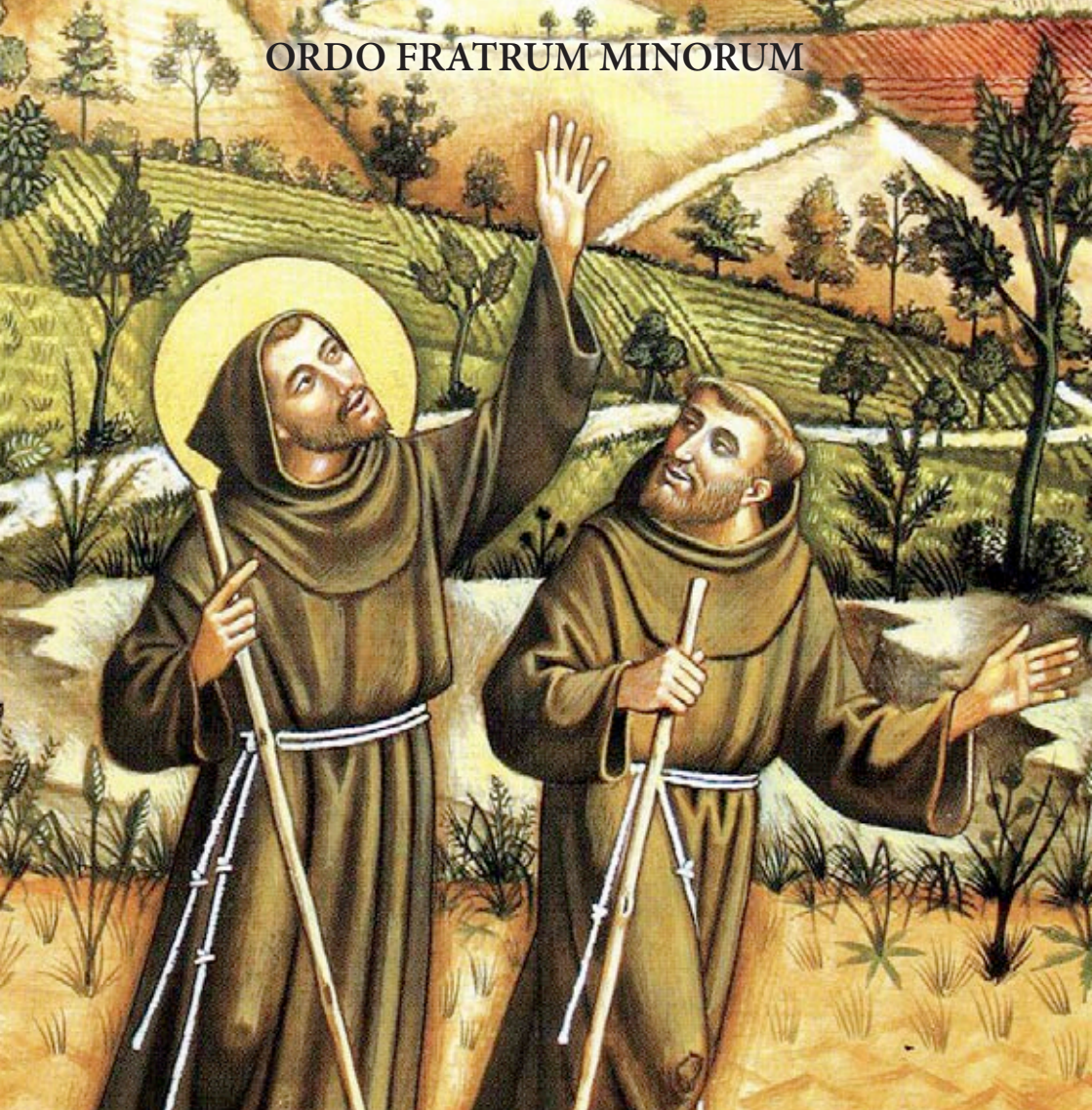


ORDO FRATRUM MINORUM



Ite, nuntiate...

DIRETRIZES SOBRE AS NOVAS FORMAS DE VIDA
E MISSÃO NA ORDEM DOS FRADES MENORES

ORDO FRATRUM MINORUM

Ite, nuntiate ...

DIRETRIZES SOBRE AS NOVAS FORMAS DE VIDA E
MISSÃO NA ORDEM DOS FRADES MENORES

ROMA
2017

Capa: Piero Casentini

Diagramação: OFM Communications Office
Via di S. Maria Mediatrice, 25
00165 Rome, Italy
www.ofm.org

*“Por isso, irmãos todos,
guardemo-nos muito,
para que sob a aparência de alguma mercê,
ou obra ou ajuda, não percamos ou tiremos
do Senhor nossa mente e coração.
Mas na santa caridade, que é Deus,
rogo todos os frades, tanto ministros como os outros,
afastado todo impedimento e
posposto todo cuidado e solícitude,
no melhor modo que puderem, f
açam servir, amar, honrar e adorar
o Senhor Deus de coração limpo e mente pura,
que ele busca acima de tudo,
e sempre façamos aí habitação e morada
para aquele que é o Senhor Deus onipotente,
Pai e Filho e Espírito Santo.”*

(São Francisco, *Rnb* 22,25-27)

Prefácio

Queridos Irmãos,
O Senhor lhes dê a sua paz!

“*Ite, nuntiate...*”: estas palavras dirigidas a Maria Madalena e à outra Maria pelo Senhor Jesus Ressuscitado e a nós referidas por Mateus em seu Evangelho (28,10) continuam ecoando hoje no vazio do túmulo, chamando com força a nós Frades e Menores para responder com uma nova convicção o dom da vocação evangélica. O seu convite para “ir e anunciar” reveste nossa vida de ressuscitados com ele, suscitando em nós dinamismo, energia, empenho e criatividade.

Com este espírito de alegria e de santa novidade apresento-lhes este subsídio que o Secretariado Geral para as Missões e a Evangelização quer oferecer a todos vocês como Diretrizes sobre as Novas Formas de Vida e Missão. Estas Novas Formas são formas de restituição ao Senhor do dom da nossa vocação e exprimem na prática o empenho com o qual a Ordem quer revitalizar a sua presença no mundo de hoje.

O intuito deste subsídio é indicar e tornar sempre mais e melhor conhecidas estas Novas Formas a todos os Frades e, *in primis*, aos Ministros Provinciais e aos Custódios, os quais têm a tarefa de discernir a inspiração dos Frades a eles confiados, de encorajá-los e de segui-los de perto na constituição de novas Fraternidades.

Estas Diretrizes se dirigem em particular a vocês, queridos Irmãos inspirados a viver as Novas Formas de Vida e Missão, para oferecer-lhes apoio, simpatia e critérios orientadores ao concretizar aquilo que arde no coração de vocês.

Quero agradecer de coração aos membros do Secretariado Geral para as Missões e a Evangelização, seja da Comissão que preparou este subsídio, Frei Massimo Tedoldi, Frei Arturo Rios Lara, Frei Adriano Busatto, Frei Mario Vaccari, Frei Jacopo

Pozzerle e Frei Jaques Jouët, seja também todos aqueles que colaboraram na elaboração e na redação, incluindo os tradutores. Graças a eles o presente subsídio será publicado, além das línguas oficiais da Ordem, também em francês, em português, em alemão, em polonês e em croata.

É um dado de fato claro e consolidado que no interior da Ordem as diferentes Novas Formas de Vida e Missão percorreram um caminho considerável de preparação e de vida. Auspicadas pelas Constituições Gerais (115 §2), as Novas Formas foram promovidas pelo Capítulo Geral de 2009 (*Portadores do Dom do Evangelho*, Mandado 20) para “encarnar” a identidade e a novidade de nosso carisma.

Entregando-lhes estas Diretrizes, convido a todos vocês, queridos Irmãos menores, a ver compaixão e fervor o nosso Papa Francisco, para que inspirados por ele, verdadeiro Novo Evangelizador, possamos encontrar sempre renovadas modalidades evangélicas para a nossa vida e missão na Igreja e no mundo, a serviço dos mais pobres e daqueles que vivem nas “*periferias do humano*”.

Neste caminho, no seguimento “daquele que é, que era e que vem, o Onipotente” (Ap 1,8), nos acompanhem, nos sustentem e intercedem por nós a Santa Mãe Pobrezinha de Nosso Senhor Jesus Cristo e o seráfico Pai São Francisco.

Roma, 20 de abril de 2014.

Páscoa da Ressurreição

Fraternalmente

Frei Michael Anthony Perry, OFM
Ministro Geral

Prot. 104706

Introdução

Um subsídio que nasceu na estrada, escrito mais com os pés do que com as mãos... Com os pés da saída, daqueles que escutaram o imperativo do Crucificado: *Francisco, vai!*, e o apelo do leproso: *Francisco, vem!* Escrito pelos pés de muitos autores. São os frades que nos últimos decênios procuram tornar concreta a ortodoxia dos nossos muitos documentos: belíssimos, perfeitos, mas tantas vezes somente escritos no papel e esquecidos rapidamente... Estes pés transitaram da teoria para a prática, saíram do papel e entraram no concreto. Ousaram. Sujaram-se nas estradas empoeiradas do nosso mundo para levar o anúncio de bem e de paz. Estes irmãos dos pés em saída lançam a todos um apelo fascinante: é bonito sair do pequeno claustro conventual para caminhar no grande claustro do mundo, para encontrar, aprender, anunciar e, sobretudo, para estar... Para tocar com as mãos desarmadas e menores a carne das pessoas que vivem em nossas cidades, nas periferias, que estão em busca de sentido, de vida. Para partilhar a certeza do Papa Francisco: “*Sair de si mesmos para unir-se aos outros faz bem*” (Evangelium Gaudium 87) e faz bem porque ir ao encontro dos outros é dirigir-se rumo a Cristo, o bem feito pessoa.

Foram estes Irmãos que escreveram estas Diretrizes, com um duplo objetivo: convidar toda a Fraternidade universal a beber das fontes frescas do carisma que nos foi dado, tirando das costas o torpor de um bem-estar que nos anestesia e nos prende, e para delinear, quase fotografar, o caminho percorrido até aqui. Um caminho feito de muitas alegrias e fadigas, de tentativas e de bons resultados, todos proporcionados pela força do Espírito.

As presentes Diretrizes, então, são simplesmente:

- a partilha da breve história das Novas Formas de vida e missão; uma história onde se percebe o cruzamento entre a inspiração de Deus, a resposta do irmão e o discernimento dos Ministros;

- orientações nascidas da experiência daqueles que buscam viver com profundo desejo e empenho a beleza do carisma franciscano, na renovação da vida pessoal e comunitária, no empenho de traduzi-lo na língua falada pelo povo;
- uma síntese propositiva daqueles elementos que são os fundamentos de uma Nova Forma de vida e missão, uma síntese que surge de um dinamismo de luta entre as instâncias internas e externas, entre o caminho cotidiano de elevação a Deus e de descida rumo aos irmãos e irmãs;
- uma real apresentação de numerosas expressões que as Novas Formas assumem nos contextos diferentes do nosso mundo: diferentes manifestações do único rosto de Deus que ama todas as criaturas e o mundo, que suas próprias mãos fabricaram;
- humildes sugestões fraternas para viver relações construtivas entre as Novas Formas e a vida da Província, especialmente em relação ao percurso formativo, em um caminho de acompanhamento e de avaliação.

Todos somos gratos a estes Irmãos que, diante do risco difundido de verbalizar a Carne de Cristo, creem na concretização do Verbo feito Carne, do Verbo que se faz continuamente Carne, hoje, na história e na geografia onde a Providência nos colocou.

O fascínio de uma vida nova torna-se um ímã potente para nós. Recorda-nos que a *Novidade* é a própria *Identidade* da Ordem dos Frades Menores. Somos de fato nós mesmos quando em nós irrompe a *Novidade* do Espírito de Deus.

À vida nova do Ressuscitado confiamos todos juntos o caminho destas Novas Formas, para que façam ressoar em todos e em todas as nossas Fraternidades a melodia do Aleluia da vida nova!

Temos dois novos Santos, Papa João XXIII e Papa João Paulo II: a companhia deles nos ajude *a construir em nós uma casa e uma moradia permanente para o Senhor onipotente* (São Francisco);

uma casa onde todos possam entrar e morar, para encontrar o seu rosto misericordioso e sempre maravilhosamente novo!

Roma, 27 de abril de 2014.

Domingo de Páscoa ou da Divina Misericórdia

Frei Massimo Tedoldi, OFM
*Secretário Geral para
as Missões e a Evangelização*

1.
Vinho novo em odres
novos

*“Recordemo-lo bem todos nós:
não se pode anunciar o Evangelho de Jesus
sem o testemunho concreto da vida.*

*Quem nos ouve e vê,
deve poder ler nas nossas ações
aquilo que ouve da nossa boca,
e dar glória a Deus!*

Isto traz-me à mente um conselho
que São Francisco de Assis dava aos seus irmãos:
Pregai o Evangelho; caso seja necessário,
mesmo com as palavras.
Pregar com a vida: o testemunho.

A incoerência dos fiéis e dos Pastores
entre aquilo que dizem e o que fazem,
entre a palavra e a maneira de viver
mina a credibilidade da *Igreja*.”

(Papa Francisco, Homilia, São Paulo fora dos muros,
14 de abril de 2013, III de Páscoa)

1.1. Um olhar sobre nossa história mais recente

“O homem contemporâneo escuta com mais prazer os testemunhos do que os mestres, ou se escuta os mestres é porque eles são testemunhas”.

(Paulo VI, Evangelii Nuntiandi 41)

O período assinalado pela renovação conciliar viu surgir em nossa Ordem Fraternidades novas na composição, nos lugares, no tipo de vida e de proposta. Para ser mais fiéis às nossas origens e responder às expectativas da Igreja e do mundo, sentiu-se um forte chamado à uma vida evangélica mais autêntica. Foi nesta situação que nasceu o movimento das “pequenas fraternidades” dos anos 1960-1980¹. A escolha do projeto de vida contendo os valores evangélicos a serem vividos, comportava um êxodo das estruturas conventuais para manter-se com o próprio trabalho e partilhar a vida de todos os homens a partir dos mais pobres e marginalizados. Este movimento fez nascer diversas experiências que, porém, acabaram depois de alguns anos. Na prática, muitos obstáculos impediam a plena realização destes projetos: as motivações talvez muito idealistas e ideológicas, a dificuldade em manter uma tensão sadia entre o cuidado da vida fraterna cotidiana e da vida de oração, por um lado, e por outro, os empenhos externos sobretudo de trabalho (assalariado, em muitos casos).

Nos últimos vinte anos a busca continuou produzindo novos frutos. Mais livres das pretensões sociológicas e do risco da ideologia, o caminho quis colocar no centro uma vida radicalmente evangélica que pudesse ser sinal e testemunho do Reino para os nossos contemporâneos. Interpelados pelos documentos da Igreja e da Ordem, o centro motivacional dos projetos da vida ia em direção à Evangelização não se esquecendo,

¹ Cf. Exposição de Frei Thaddée Matura no Seminário de Assis (20-24 de março de 2006): *Da Prociúncula à Europa: novos caminhos franciscanos*.

porém, que a vida fraterna em minoridade é a fonte pululante para toda missão evangelizadora. Nota-se que a novidade radical do tempo em que se vivia (a pós-modernidade), em especial no continente europeu, já profundamente mudado em muitos de seus paradigmas culturais, nos abria novas interrogações e nos impelia a sínteses inéditas. Por outra parte, tinha-se a clara percepção de que as linguagens, os símbolos, os lugares e as modalidades que até então tinham procurado exprimir a nossa forma de vida não eram mais suficientes. Sentia-se a responsabilidade de fazer com que o carisma fosse sempre mais significativo, de modo que o nosso estilo de vida reencontrasse transparência, evidência e força evangelizadora, para ser sinal e profecia.

Através de experiências que neste tempo diversos frades tinham a oportunidade de viver, o Espírito do Senhor orientava rumo a um novo sentir, um novo pensar, um novo ousar. Muitos frades, além disso, encontraram nas Novas Formas uma resposta concreta ao desejo de renovação e de vivacidade da vida de consagração deles, muitas vezes com dificuldades e desconforto que as nossas estruturas “históricas” provocam no caminho espiritual, pessoal e comunitário, de seguimento de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Uma das experiências que assinalaram em profundidade o caminho de busca de Novas Formas é a vida itinerante. A Fraternidade itinerante é um modo concreto de viver radicalmente o Evangelho por ser sinal e testemunho dos valores do Reino para os nossos contemporâneos. É uma Fraternidade missionária que “atualiza um aspecto de vida franciscana, vivendo em períodos alternados, na oração, sem dinheiro, sem morada fixa, pedindo esmola, para testemunhar a *Christi vivendi forma*”².

Foi exatamente em um encontro de avaliação depois da missão itinerante pelas ruas de Roma (fevereiro de 2005), à qual tinha sido convidado o Secretário Geral das Missões e da Evangelização,

2 Do Projeto da Fraternidade Itinerante, cf. *Dos sinais dos tempos ao tempo dos sinais. Testemunhos*, Cúria Geral OFM, 2002, p. 30-34.

que nasceu o projeto de um congresso europeu com o objetivo de partilhar e de estimular a busca de caminhos possíveis para o futuro. Depois deste primeiro congresso, outros foram celebrados e deram preciosa contribuição à reflexão sobre as Novas Formas³. Estes encontros vividos sob a forma de seminário, antes de tudo permitiram partilhar as diversas experiências, mesmo fora da Ordem dos Frades Menores. Com uma visão do que foi vivido pelas diversas formas de vida pode-se identificar entre elas o “máximo divisor comum”, isto é, as características que constituíam a “novidade” encontradas nas diferentes realidades fraternas. Foi importante também partir da singularidade das experiências para confrontar as respostas concretas encontradas no viver as necessárias tensões entre o projeto de vida fraterna e o projeto pessoal; vida *ad intra* e *ad extra*; novidade de vida e fraternidades tradicionais; eventuais encargos provinciais dos frades singularmente e projeto de vida fraterna. Entre as experiências positivas sinalizamos a sinergia entre a base e o Governo da Ordem. Tais encontros, de fato, organizados pelo Secretariado Geral para as Missões e a Evangelização, viram sempre a participação do Ministro Geral Frei José Rodrigues Carballo e de diversos Definidores Gerais, além de frades provenientes de experiências também muito diferentes. A realização dos vários Seminários produziu pequenos instrumentos muito úteis para que os frades de toda a Ordem pudessem compreender e entender o espírito e o significado da Novas Formas⁴. Estes Seminários sempre levaram em conta nas mensagens conclusivas o nível provincial e interprovincial (colaboração entre Províncias vizinhas), a Conferência dos Ministros Provinciais e uma atenção à Europa (tema ainda por ser

3 I Seminário: Assis, 20-24 de março de 2006; II Seminário: Frascati (Roma), 7-10 de janeiro de 2009; III Seminário: Sassone (Roma), 2-6 de maio de 2011; IV Seminário: Greccio, 4-8 de março de 2013.

4 Os subsídios *Da Porciúncula à Europa* (2006) e *Novos caminhos franciscanos na Europa* (2009); cf também o Documento final do *III Encontro Europeu sobre novas formas de evangelização e novas fraternidades*, Sassone (2011).

desenvolvido, sobretudo na prática). Entre os frutos positivos dos Seminários sinalizamos, entre outros, o nascimento do projeto da Fraternidade missionária europeia de Palestrina, sob obediência do Ministro Geral, com o objetivo de viver já da “novidade” com frades pertencentes a diversas Províncias e de acolher, facilitar e orientar os projetos e os “sonhos” dos frades de desejam experimentar viver nas Novas Formas.

Durante o caminho tornou-se sempre mais claro que poder viver assim a nossa vocação é um dom e não um direito finalmente conseguido ou arrancado de alguém. Dom que poderá florescer nas fraternidades e nas situações ordinárias de nossas Províncias e que acolhemos como chamado a uma maior coerência, reconhecendo que protagonista é a “santa operação do Espírito do Senhor”⁵ agindo em nós todos.

Ultimamente o Magistério da Igreja também parece que nos estimula a prosseguir no caminho tomado até agora de renovação de nossa vida: “enquanto a família é custódia da sacralidade da vida na sua origem, a vida consagrada, enquanto chamado a conformar-se a Cristo, é custódia do sentido último, pleno e radical da vida”⁶. A única coisa necessária para quem professou o viver *sine proprio* é exatamente o Evangelho. E este dom se apresenta sempre maior que nossos desejos e projetos.

5 Regra Bulada Cap. V.

6 “o testemunho dos consagrados, como o Sínodo reconhece, tem um intrínseco significado escatológico. Vocês consagrados são testemunhos do ‘horizonte ultraterreno do sentido da existência humana’, e a vida de vocês, enquanto ‘totalmente consagrada a ele (ao Senhor), no exercício da pobreza, castidade e obediência, é sinal de um mundo futuro que relativiza todos os bens deste mundo’”. Cf *A mensagem dos Bispos italianos para a 17ª jornada mundial da vida consagrada* (2 de fevereiro de 2013), onde vem citada a *Mensagem ao Povo de Deus* enviada pelo Sínodo sobre a Nova Evangelização (26 de outubro de 2012, n. 7).

1.2. “Novo”... em qual sentido e por que?

“É necessário uma nova evangelização! Nova no seu ardor, nos seus métodos, nas suas expressões”.

(São João Paulo II, *Discurso à XIX Assembleia do CELAM*, 9 de março de 1983,3)

O termo “novo” nestas duas últimas décadas recorre frequentemente nos discursos e nas falas comuns. O Concílio Vaticano II, em sua apaixonada busca por uma renovada relação entre a Igreja e o mundo moderno, já preestabelecia uma meta de dar “respostas novas a problemas novos”, de “recorrer a um novo modo de apresentar as coisas”⁷, de alcançar assim “um novo humanismo cristão”⁸ e, com o duplo movimento de renovoamento espiritual e de adaptação aos tempos modernos, indicava a exemplaridade de cada renovação eclesial⁹. Os escritos sucessivos do Magistério pontifício prosseguem nesta linha de “novidade”¹⁰, chegando à famosa formulação de João Paulo II, segundo o qual a evangelização de hoje deve ser “nova em seu ardor, nos seus métodos, nas suas expressões”¹¹. Em tempos mais recentes, Bento

7 João XXIII, *Gaudet Mater Ecclesia*, discurso de abertura do Concílio, 11 de outubro de 1963. Tal discurso foi definido como “o manifesto dos tempos novos”.

8 Paulo VI, *Discurso conclusivo do Concílio*, 7 de dezembro de 1965.

9 Como se vê expressamente em *Perfectae Caritatis*, 2: “A renovação da vida religiosa comporta o retorno contínuo às fontes de cada forma de vida cristã e à primitiva inspiração dos institutos e, ao mesmo tempo, a adaptação dos mesmos institutos às mudadas condições dos tempos”.

10 João Paulo II, *Vita Consecrata*, 1996, fala de “novas respostas para os novos problemas do mundo de hoje” e de “novos projetos de evangelização para as situações de hoje” (VC 73).

11 João Paulo II, *Discurso à XIX Assembleia do CELAM*, Port-au-Prince, 9 de março de 1983, n. 3.

XVI, além de instituir um novo Dicastério¹², quis dedicar à Nova Evangelização um Assembleia do Sínodo dos Bispo, cuja mensagem final apresenta as duas componentes de renovação espiritual *ad intra* e do anúncio *ad extra*, como diretrizes necessárias de toda evangelização¹³.

Na realidade, o “novo”, tão invocado nestas últimas décadas, faz parte da nossa vida cristã: é o resultado da conversão contínua que nos torna novos tanto no coração quanto nas relações, para a acolhida mais plena do Senhor e dos irmãos que caminham conosco no tempo. O novo é precisamente aquele fiel discipulado na escola do Mestre que afirmou que faria “*novas todas as coisas*”¹⁴, é aquele dinamismo que faz passar do “*ouvistes o que foi dito...*” ao “*.. eu, porém, vos digo*”¹⁵. Agora, a dimensão interior e aquela exterior do novo são inseparáveis, como o é a raiz e o fruto. Por consequência, a mudança do coração reveste as relações e as obras que constituem a nossa vida com os outros, com a fraternidade e com o trabalho pastoral.

O “novo”, desde que seja verdadeiro, requer sempre abraçar o passado com a riqueza de sua herança e o futuro com as mudanças que já são percebidas no presente. O novo, então, une memória e profecia, retorno às fontes e juntos anseiam pelo futuro, pela meta final (por isso as realidades que nos esperam foram definidas pela tradição como os *Novísimos*). Fomos espectadores nos anos do pós-Concílio de quanto são perigosas as tendências de isolar uma dimensão em detrimento da outra, arriscando por um lado a volta ao passado em forma de arqueologias autorreferenciais, ou, por

12 Bento XVI, *Ubicumque et semper*, Motu proprio com o qual institui o Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, 21 de setembro de 2010.

13 “*Os mudados cenários sociais, culturais, econômicos, políticos e religiosos nos chamam para algo novo: a viver de modo renovado a nossa experiência comunitária de fé e de anúncio*”, XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, 7-28 de outubro de 2012, *Mensagem ao povo de Deus*, 2.

14 “Eis que faço novas todas as coisas” Ap 21,5.

15 Mt 5,21-22; 27-28; 33-34; 38-39; 43-44.

outro, desmedidas aberturas capazes de arrancar as raízes da vida cristã. O equilíbrio é o próprio Senhor a oferece-lo quando se auto define: “*Eu sou o Alfa e o Ômega, Aquele que é, que era e que vem, o Onipotente*” (Ap 1,8). E é dele que devemos nos revestir, “*revestir o homem novo*” (Ef 4,24; cf Cl 3,10). A vinda do Novo, deste modo, é o dinamismo harmônico entre o Alfa e o Ômega, entre o princípio e o fim, entre a memória e a profecia.

O caminho da Igreja na busca do *novo*, é bem evidente em nossas Constituições Gerais e nos escritos da Ordem¹⁶. Em nossa Fraternidade, a expressão *Novas Formas de vida e missão*¹⁷ pretende sempre manter unidas a renovação interior, a conversão cotidiana, a vida fraterna *ad intra*, com a missão evangelizadora “encarnada”, “inserida” no hoje da história. O “fazer penitência” de São Francisco¹⁸, forneceu-lhe sempre olhos novos para ver onde levar o anúncio, e um coração novo para acolher a todos, começando pelos leprosos e pelos pobres de seu tempo, pobres de Deus e pobres de coisas. As Novas Formas dão uma particular atenção à vida fraterna que é “a primeira e o mais luminoso testemunho do Evangelho”¹⁹ e por isso é “a primeira forma de evangelização”²⁰. Por ser transparência do Evangelho, elas desejam custodiar o espírito de oração e devoção em seu interior e construir verdadeiros e profundos laços fraternos, no estilo da minoridade e na paixão pelo anúncio evangélico. Somente sobre este fundamento a missão

16 CCGG 115 §2: “*Para que nossa Fraternidade seja profética no cumprimento do ministério da evangelização, os irmãos tenham o máximo interesse em viver o carisma franciscano em novas formas, segundo o espírito da Igreja e em união com a vida da Fraternidade*”. O Documento capitular de 2009, *Portadores do dom do Evangelho (PDE)*, no número 20 sugere “Novas iniciativas”.

17 Para nominar estas Fraternidades, normalmente se usa as seguintes expressões: *Novas Formas, Novas formas de vida e missão, Novas Formas de vida fraterna e de evangelização, Novas Fraternidades em missão, Fraternidades inseridas*.

18 Testamento 1.

19 CCGG 87 §2; cf CCGG 84.

20 CCGG 89 §1; cf também PDE 27 e 28: “é sempre a Fraternidade que evangeliza”.

evangelizadora das Novas Formas poderá ser nova, somente se for expressão do espírito de oração e devoção e de profundos laços fraternos, somente quando anuncia ao exterior o que vive no interior. Em todo este caminho de renovação, a Formação Permanente assume particular importância e precisa ser valorizada como chamado contínuo e estímulo à novidade da vida evangélica.

Em sua dimensão *ad extra*, as diferentes formas novas de missão são a variada resposta à urgência de atingir os homens e as mulheres de nosso tempo, lá onde vivem; de fazer-se mais próximos de todos, em particular dos marginalizados; de ativar aquele “*Francisco, vai!*” que o Crucifixo continuamente nos repete hoje e, ao mesmo tempo, de afinar o ouvido para poder escutar o chamado dos irmãos e irmãs: “*Francisco, vem!*”; de semear em todos os lugares a esperança e a ânsia de preparar novos céus e nova terra²¹. É também a sensibilidade evangélica de apresentar o Evangelho de acordo com as linguagens de nosso tempo; é a coragem de rever as estruturas que muitas vezes freiam os nossos passos; é o ousar típico de quem vive na novidade do Espírito.

O termo *novo* não se opõe às formas tradicionais de evangelização, mas soma em complementariedade, na lógica do *et – et*²², se bem que o novo seja privilegiar o hoje, no mudado contexto social e eclesial²³, com o novo aparecer dos *sinais dos tempos*. É a lição da bimilenar história da Igreja: a missão evangélica, de fato, “assumiu durante a história *formas e modalidades sempre novas* de

21 “Novos Céus e nova terra” 2Pd 3,13; “depois vi um novo céu e uma nova terra” Ap 21,1.

22 PDE 17: “Uma das formas de evangelização *inter gentes* em que se encontram empenhados muitos irmãos é a chamada evangelização ordinária, que mantém sua validade e que, de nenhuma maneira, suprime ou se contrapõe às novas formas de evangelização”.

23 PDE 20: “*Sem descuidar das atividades de evangelização ordinária, privilegiem-se as novas iniciativas.*”

acordo com os lugares, as situações e os momentos históricos”²⁴. Esta constatação é um ulterior impulso à contínua renovação²⁵.

As Novas Formas de vida e missão pretendem visitar as Fontes, sempre frescas e novas, bebendo do carisma originário de São Francisco, “homem novo”²⁶, homem do futuro, para fazer-nos inspirar novas encarnações, novos modelos e estilos de evangelização, nova paixão e novas estratégias missionárias.

Neste momento histórico no qual a Ordem está vivendo a fadiga do redimensionamento, temos que recordar sempre que “a reorganização será criativa e fonte de indicações proféticas se preocupar-se de lançar sinais de novas presenças, mesmo que numericamente modestas, para responder às novas necessidades, sobretudo aquelas provenientes dos lugares mais abandonados e esquecidos”²⁷.

24 Bento XVI, *Ubicumque et semper*, Motu proprio com o qual institui o Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, 21 de setembro de 2010.

25 Como indica o próprio Decreto conciliar *Perfectae Caritatis* no número 13, onde se propõe que o voto de castidade seja testemunhado com novas formas: “*novis formis exprimat*”.

26 3Cel 1,1; LM 12,8.

27 *A vida fraterna em comunidade*, CIVCSVA 1994, 67; cf Bento XVI, *Audiência do dia 13 de janeiro de 2010*: “Também hoje, embora vivamos numa sociedade em que muitas vezes prevalece o “ter” sobre o “ser”, somos muito sensíveis aos exemplos de pobreza e de solidariedade, que os crentes oferecem com opções intrépidas. Também hoje não faltam iniciativas semelhantes: os movimentos, que começam realmente a partir da novidade do Evangelho e vivem-no com radicalidade no hoje, colocando-se nas mãos de Deus, para servir o próximo. O mundo, como recordava Paulo VI na *Evangelii nuntiandi*, ouve de bom grado os mestres, quando eles são também testemunhas. Trata-se de uma lição que nunca pode ser esquecida na obra de difusão do Evangelho: viver primeiro aquilo que se anuncia, ser espelho da caridade divina.”

2. Novas Formas de vida e missão

*“Que o Senhor nos dê esta liberdade
de entrar naquele santuário
onde Ele é sacerdote e intercede por nós
e qualquer coisa que pedirmos ao Pai
em seu nome, Ele nos dará.*

*Mas também nos dê a coragem
de ir naquele outro “santuário”
que são as chagas
dos nossos irmãos e irmãs necessitados,
que sofrem, que levam ainda a cruz
e ainda não venceram, como Jesus venceu”.*

(Papa Francisco, *Homilia em Santa Marta*, 11 de maio de 2013)

2.1. Rumo à uma identidade comum. Linhas guias.

“Portanto, assumindo a preocupação dos meus venerados Predecessores, considero oportuno oferecer respostas adequadas a fim de que a Igreja inteira, deixando-se regenerar pela força do Espírito Santo, se apresente ao mundo contemporâneo com um impulso missionário capaz de promover uma nova evangelização.”

(Bento XVI, *Ubicumque et semper*, Motu proprio com o qual institui o Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, 21 de setembro de 2010)

No decorrer dos Seminários e dos encontros, ficaram sempre mais claros os elementos basilares das Novas Formas e a hierarquia desses elementos, além da necessidade de harmonia que os une. Durante o Seminário de Frascati em 2009, os frades encontraram-se concretamente em torno de sete critérios reconhecidos como decisivos para iniciar uma Nova Forma de presença evangelizadora. Nos anos seguintes, tais critérios, além de serem confirmados em sua validade, tiveram um contínuo aprofundamento tanto em cada Fraternidade como nos encontros e nos sucessivos Seminários já assinalados.

O Capítulo Geral de 2009, no Mandato 13 quis promover a missão evangelizadora dos Frades em chave franciscana retomando e oficializando, de algum modo, os critérios surgidos nos Seminários precedentes. Uma significativa convergência pode ser encontrada também nos resultados do Estudo interdisciplinar sobre o estado da Ordem, onde justamente a maior parte dos frades pede que sejam cuidadas melhor a vida espiritual, a comunhão fraterna, a abertura às pessoas do povo, à colaboração com a Igreja local e a missão com os leigos e com a Família Franciscana²⁸. Enfim,

28 A pesquisa foi realizada entre 2012 e 2013 pelo salesiano Padre Renato Mion e resultou em uma amostragem com respostas de cerca de 1.400 frades.

o Seminário de Greccio (2013) trouxe à tona outras atenções sobre o relacionamento que cada Nova Forma deve valorizar em relação ao cuidado das vocações e à formação, à Família Franciscana e aos leigos.

O Seminário realizado em 2011 no Carmelo de Sassone (Roma), em sua mensagem final pediu a elaboração de algumas Linhas guias sobre Novas Formas e vida e missão com o objetivo de delinear os elementos indispensáveis, de informar as Entidades da Ordem e encorajá-las à abertura e à promoção de Fraternidades “novas”. Eis, pois, em síntese os elementos que sempre deverão estar presentes:

1. *Primado da vida de oração e da escuta da Palavra* (“lectio” cotidiana ou semanal; uma hora por dia de oração pessoal; reza “contemplativa” da Liturgia das Horas);
2. *Cuidado de autênticas e profundas relações fraternas que irradiam um testemunho de vida fraterna* (Capítulos locais frequentes; momentos cotidianos de diálogo fraterno, defendidos pela disciplina no uso dos meios de comunicação, como a internet, o celular, a televisão);
3. *Estilo de vida simples e sóbrio; minoridade e testemunho* (traduzido em escolhas concretas como a fidelidade ao trabalho manual desejado por São Francisco; o assumir os serviços da casa, possivelmente sem pessoas empregadas e assalariadas; empenho no auto sustento);
4. *Acolhida e partilha da vida com as pessoas, sobretudo com os pobres* (encontro com as pessoas do povo);
5. *Missão evangelizadora com o caráter inter gentes, de itinerância, de presença em regiões desconhecidas, difíceis, de risco e de proximidade com os mais pobres, sofredores, excluídos, com uma atenção especial aos lugares de fronteira e com novas formas de*

Os resultados da pesquisa foram submetidos e aprofundados pelo Definitório Geral e por organismos da Cúria Geral, além da Comissão para o estudo interdisciplinar sobre a situação da Ordem, como havia pedido o Capítulo Geral de 2009 (PDE, mandato 14).

*evangelização e Fraternidades “inseridas”*²⁹ (saindo do claustro conventual rumo ao claustro do mundo);

6. *Comunhão com a Igreja local* (sobretudo como testemunho de fraternidade e minoridade);
7. *Disponibilidade a formas de colaboração ativa com os leigos e com a Família Franciscana* (a nível interprovincial e internacional, entre as várias Fraternidades, em relação à Fraternidade missionária europeia de Palestrina e ao Secretariado Geral para as Missões e a Evangelização).

29 PDE 20: “*Sem descuidar das atividades de evangelização ordinária, privilegiem-se as novas iniciativas. Para favorecer a dimensão missionária e evangelizadora, com uma atenção particular aos lugares de fronteira e com novas formas de evangelização itinerante e de Fraternidades “inseridas”, o Definitório geral, com o envolvimento das respectivas Conferências, promova itinerários formativos tipicamente franciscanos para frades e leigos juntos*”.

2.2. Uma vida que se faz harmonia

“Um anúncio renovado proporciona aos crentes, mesmo tíbios ou não praticantes, uma nova alegria na fé e uma fecundidade evangelizadora. Na realidade, o seu centro e a sua essência são sempre o mesmo: o Deus que manifestou o seu amor imenso em Cristo morto e ressuscitado. ... Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual. Na realidade, toda a ação evangelizadora autêntica é sempre «nova».”

(Papa Francisco, *Evangelii gaudium*, 11)

O fato de ter evidenciado os critérios básicos para iniciar a vida e missão de uma Nova Forma não exime os frades do desafio cotidiano de harmonizar tais indicações fundamentais. É evidente que os critérios são interdependentes entre eles e cada um há de relacionar-se com os outros de acordo com uma sinergia harmônica, fruto da obra do Espírito Santo em nós. Certamente a diferente tipologia das Novas Formas dá destaque a um ou outro destes elementos, de acordo com a inspiração originária de cada nova Fraternidade.

Eis, em síntese, os principais desafios no dever compor os diferentes aspectos que, aparentemente, podem apresentar-se como opostos. Porém, é exatamente na dificuldade de superar as contradições, que consiste aquela contínua busca da vontade de Deus que faz acontecer em nós a conversão pessoal e comunitária. Uma brilhante contribuição na composição da harmonia nos é dada pelo primeiro mandato do Capítulo Geral de 2009, que nos impulsiona a viver as Prioridades da Ordem (vida com Deus, fraternidade, minoridade, evangelização, formação) em chave de missão, portanto em um dinamismo vital dentro do qual cada uma das prioridades se esclarece com as outras e juntas são dirigidas

ao anúncio do Evangelho “*ad intra e na perspectiva de abertura ao mundo*”³⁰.

- O primeiro critério, o primado de Deus, afirma inequivocamente que na base de cada Nova Forma existe o contato vivo com o Senhor na oração pessoal e comunitária e no diálogo cotidiano com a Palavra. Tal fundamento afirma que antes de cada atividade apostólica, antes de cada *fazer*, existe o *estar* do discípulo. Por isso é necessário harmonizar a vida contemplativa com a missão, de acordo com o princípio do Papa Francisco, que afirma o nosso ser sempre *discípulos-missionários*³¹.
- O cuidado por autênticas e profundas relações fraternas exige a gratuidade dos tempos dedicados à Fraternidade, reconhecida como o lugar ideal para crescer como irmãos, cristãos e frades menores³². Sobre esta dimensão precisa compor as dinâmicas: relações fraternas – relação pessoal com o Senhor; vida fraterna – vida de apostolado; relações *ad intra* entre os irmãos e os contatos *ad extra*. Outras dinâmicas, ainda, consistem em encontrar equilíbrio fecundo entre o exercício da autoridade e o diálogo fraterno e entre o projeto pessoal de cada um e aquele da Fraternidade, entre os projetos da Fraternidade e as exigências da Igreja local. Nas Fraternidades caracterizadas pela internacionalidade é preciso levar em conta as diferentes línguas e culturas que têm um peso dentro das relações fraternas.
- O estilo de vida simples e sóbrio permite viver aquela professada minoridade que nos caracteriza como filhos de São Francisco e que nos consente de dar o nosso testemunho através da vida antes mesmo do anúncio verbal. O profundo convencimento de que primeiro devemos ser evangelizados para depois sermos evangelizadores³³ favorece um coração de

30 PDE, 1: Repropor “*as Prioridades em chave de missão evangelizadora e na perspectiva de abertura para o mundo, para que continuem sendo os valores fundamentais de referência na animação da nossa vida e missão nos próximos anos*”.

31 Papa Francisco, *Evangelii gaudium*, 120: “não digamos mais que somos discípulos e missionários, mas que somos sempre discípulos-missionários”.

32 Cf CCGG 39.

33 “Evangelizadora, a Igreja começa evangelizando a si mesma” (Paulo VI, EN 15).

disciplinado permanente, um sentir humilde e livre, uma radical necessidade de conversão contínua. A minoridade oferece cotidianamente muitos estímulos a serem aprofundados: como harmonizar o trabalho manual e os trabalhos conventuais com o anúncio missionário, em termos de tempos e de energias; como administrar a tensão entre uma vida pobre e a necessidade de ganhar dinheiro para o sustento; como superar o contraste entre um estilo de sobriedade e a posse de grandes construções a serem mantidas, inclusive com pessoas contratadas para pagar, querendo ficar fieis à convicção de que as estruturas devem manifestar o Evangelho, não escondê-lo, e por isso devem sempre ser convertidas junto com nossa vida³⁴; entre a vida itinerante, caracterizada fortemente pela provisoriedade, e a vida cômoda do convento que nos espera ao retorno; entre o chamado radical da vocação franciscana e a dependência econômica da Província³⁵.

- Um outro aspecto sobre o qual se põe a atenção das Fraternidades é o equilíbrio entre a hospitalidade oferecida em nossas casas e as necessidades da vida fraterna e do ir para a itinerância.
- Além disso é necessária a vigilante atenção para que cada colaboração com a Igreja local seja vivida com o nosso carisma de frades menores, fazendo nossa a ânsia do Papa por “uma Igreja pobre para os pobres”³⁶.
- Enfim, enquanto estamos de acordo com o valor e a beleza dos meios de comunicação, para que se possa viver a mais intensa fraternidade na Igreja e com o mundo inteiro, advertimos ao mesmo tempo sobre a necessidade de uma diligente disciplina no uso destes meios de comunicação.

34 Cf Consilium Plenarium Ordinis Fratrum Minorum, Guadalajara (Messico) 29: “A uniformidade e a excessiva estabilidade no tempo e no espaço de certas estruturas exprimem ausência de qualidade evangélica”.

35 Levando em conta sempre que “a cultura do bem estar nos anestesia” (Papa Francisco, EG 54).

36 Papa Francisco. EG 198.

2.3. Uma vida, muitos rostos. Tipologia das Novas Formas.

“Os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica foram sempre uma voz profética e um testemunho profundo da novidade que é Cristo, da conformação com Aquele que se fez pobre, enriquecendo-nos mediante a sua pobreza. Esta pobreza amorosa é solidariedade, partilha e caridade, enquanto se manifesta na sobriedade, na busca da justiça e na alegria do essencial, para alertar contra os ídolos materiais que ofuscam o sentido autêntico da vida. Não é necessária uma pobreza teórica, mas a pobreza que se aprende tocando a carne de Cristo pobre nos humildes, nos pobres, nos enfermos e nas crianças. Sede ainda hoje, para a Igreja e para o mundo, os postos avançados da atenção a todos os pobres e as formas de miséria material, moral e espiritual, como superação de qualquer egoísmo na lógica do Evangelho, que ensina a confiar na Providência de Deus.”

(Papa Francisco, *Mensagem do Papa Francisco aos participantes do Simpósio Internacional promovido pelo Dicastério para os Religiosos sobre a gestão dos bens eclesiais dos Institutos de vida consagrada e das Sociedades de vida apostólica a serviço do “humanum” e da missão da Igreja*, organizado pela CVCSVA, 8-9 de março de 2014, Pontifícia Universidade Antonianum).

As diversas fisionomias que assumiram as Novas Fraternidades respondem ao mesmo tempo ao apelo de Deus e às necessidades da Igreja e da sociedade. Nascidas de Deus no coração dos frades, em circunstâncias de tempo e de lugar muito variadas, elas podem ser resumidas nas seguintes tipologias:

- *Fraternidades em um convento tradicional*, forma estratégica para transmitir a muitos frades da Ordem os valores que nos caracterizam. Tais Fraternidades por um lado são semelhantes pela vida simples e sóbria e por serem um fraterno espaço de acolhida, por outro se diversificam de acordo com o *proprium* específico:
 - Estilo de vida simples e essencial, testemunhando em particular a minoridade
 - Particular cuidado no usar linguagens e estratégias que respondem ao nosso mundo

- Acolhida e colaboração com outros religiosos e leigos
 - Acolhida de sacerdotes e religiosos que precisam de ajuda espiritual
 - Acolhida de pessoas em dificuldades, espirituais e materiais
 - Acolhida de migrantes
 - Formas novas “missionárias”
- *Fraternidades de inserção* em ambientes urbanos de marginalização
 - *Fraternidades que moram em casas* (não conventos) na zona rural: estrutura simples, trabalho manual, viva relação com a natureza.
 - *Fraternidades itinerantes* (mesmo que em tempos alternados): os frades vivem em um convento ou uma casa e empenham-se em atividades de evangelização e em tempos alternados optam pela evangelização itinerante³⁷.
 - *Fraternidade Eremita – evangelização itinerante* (que alternam tempos de contemplação³⁸ e de evangelização itinerante).

Em cada uma destas novas formas de vida – sempre em dinâmica na busca de responder plenamente à vontade de Deus, no empenho comum e próprio de menores – a Fraternidade busca conjugar os sete pontos qualificantes, examinados acima, com a própria particular inspiração, em um fiel trabalho de formação permanente. Tal dinamismo comporta o cotidiano encontro com Deus e com os irmãos. É exatamente esta alegre fadiga, administrada na entrega à Providência divina, que gera novidade e fecundidade.

37 “A Fraternidade itinerante é uma Fraternidade missionária que vive em oração, sem dinheiro e sem morada fixa, como mendicante” (Dos sinais dos tempos ao tempo dos sinais, 30).

38 De acordo com a *Regra de vida nos eremitérios* de São Francisco.

3.
Em relação dinâmica
com as Fraternidades
provinciais

“A primeira saída é a ‘saída de si rumo ao irmão’”

(Papa Francisco, *Evangelii Gaudium* 179)

3.1. Rumo a uma renovação de vida e missão nas Fraternidades provinciais

“Todos somos convidados a aceitar este chamado: sair da própria comodidade e ter a coragem de chegar em todas as periferias”.

(Papa Francisco, Evangelii Gaudium)

As *Fraternidade das Novas Formas de vida e missão* põem ser realmente um fermento de vida para as Entidades a que pertencem, em particular por aquele “frescor evangélico” que dá gosto e sentido ao seguimento de Cristo na Igreja de hoje. O desejo ardente de viver o nosso carisma com autenticidade assume uma força exemplar pela Fraternidade provincial inteira, a qual é conduzida àquela essencialidade da vida religiosa que é concentrada em torno das três colunas da vida com Deus, da comunhão em Fraternidade e da missão evangelizadora. As Fraternidades “novas”, deste modo, tornam-se para todos um estímulo para viver como menores e no cotidiano estas três dimensões que estão no coração do nosso carisma e são mantidas indissolúvelmente unidas entre elas.

Vida com Deus.

A vida com Deus está na base de tudo, é o coração de nossa vida de frades menores; é a linfa que nos nutre e que nos dá a força de cada dia para viver e aprofundar as relações fraternas; é a energia que acende o fogo da missão. Viver a relação vital com Deus significa ter:

- um coração generoso, tenro, aberto e disponível, que se deixe traspasar pelo Amor do Cristo e por aquele dos próprios irmãos, em particular nas relações com os mais sofredores; uma relação amorosa com Deus misericordioso, que se perceba no frade em paz consigo mesmo e com os próprios irmãos. A verdadeira paz que vem de Deus, o irmão pode

- comunica-la unicamente se ele mesmo é reconciliado. Torna-se então possível promover, no Espírito de Assis, uma cultura da “não violência”, da benevolência, da docilidade nas relações fraternas, do perdão e do respeito à criação, para tornar-se, de acordo com o Evangelho, um semeador e um artesão da paz;
- uma capacidade de ser flexível nas próprias certezas e de confiar no Senhor, que cuida de nossas vidas. É o que alguns frades itinerantes experimentam já há alguns anos, partindo sem dinheiro e sem saber com antecedência aonde vão dormir, confiando-se totalmente à Providência de Deus. Em cada uma de suas missões, lhes é possível ver como o Senhor os precede em cada ponto, cuidando deles com grande bondade;
 - uma capacidade de saber descentrar-se para dar lugar a Cristo e de reconhecer que é efetivamente Ele que conduz a missão e não, ao contrário, o próprio frade. As competências de cada um são verdadeiramente úteis e muitas vezes bem empregadas, mas é importante cuidar para que não sejam dissociadas Daquele que é o autor destes talentos recebidos. É reconhecer em profundidade, a nível pessoal e comunitário, que o autor de nossas vidas é efetivamente o Cristo e que somos animados pelo sopro de seu Espírito. A vida da Fraternidade e de cada um dos irmãos tem Cristo como fundamento primeiro de solidez e de coesão e não, ao contrário, as capacidades e os poderes pessoais de uns ou de outros;
 - uma atenção regular, sincera e renovada à meditação da Palavra de Deus, ao silêncio e aos tempos e adoração, cuidando da leitura orante da Palavra e vivendo com intensidade a Liturgia, com a sua densa espessura de evangelização;
 - um amor pela Igreja, por seus santos e santas e, em particular, pela Virgem Maria.

Vida fraterna

Viver o *dom do irmão* implica:

- uma relação com os outros encharcada de humildade, sem procurar antes de mais nada ter razão com as próprias ideias, por melhores que sejam, e muito menos impô-las aos outros irmãos. O espírito fraterno pressupõe uma mútua e recíproca acolhida que não se baseia sobre o domínio de um irmão sobre o outro. A humildade nas relações consente de atuar uma descentralização de si para dar mais espaço ao Senhor e a uma melhor disposição à acolhida do irmão diferente de mim;
- o gosto pela recíproca escuta, a partilha de vida e as comunicações fraternas que favorecem o crescimento da comunidade e de cada um dos irmãos. Um desejo de construir junto com os outros, na dinâmica da busca do Reino de Deus que já se doa à descoberta cotidiana. Uma alegria reconhecedora no viver de modo simples as relações justas e sadias, consigo mesmo e com os outros, assim como com os mais pobres. O alegre saborear a beleza do perdão, dado e recebido, através da simples e sincera correção fraterna;
- a comunhão com os irmãos da própria Fraternidade, da Província e da Ordem, e com a Igreja em geral. Uma relação sadia e equilibrada com a autoridade, seja quando a exercita, seja na condição de obedecer;
- uma organização tal que permita ao frade doar sua vida religiosa ao externo como se tivesse ficado na própria fraternidade, no respeito dos tempos de oração, de silêncio, de convívio, de atividade e de encontros.

Missão evangelizadora

A missão evangelizadora, realizada sempre como Fraternidade e como íntima necessidade de ir e anunciar aos outros tudo o que o Senhor nos deu, implica:

- o desejo ardente de testemunhar aos nossos irmãos e irmãs do mundo aquilo que nos faz viver, para que possam beber na mesma fonte; uma real disponibilidade a partir da missão; um profundo desejo de anunciar o Evangelho e o apelo para vivenciá-lo. É a audácia evangélica que nos impulsiona a viver esta aventura no seguimento de Cristo;
- uma adequada preparação antes da missão, assim como uma proveitosa colaboração com os diversos protagonistas; uma relação viva com Cristo que se encarna na mútua e benevolente ajuda fraterna;
- a entrega e a avaliação regular de nossas jornadas diante de Deus e sob o olhar benévolo dos próprios irmãos. A partilha do Evangelho, depois de um tempo de atividade intensa, é um meio formidável para esta restituição; isto consente tomar uma distância daquilo que foi vivido e um colocar-se juntos novamente em torno da Palavra de Deus prontos para acolher aquilo que diz o Senhor;
- a importância da benevolência nas relações recíprocas, assim como da paz e da alegria profunda que vêm de Deus e que habita no frade em missão;
- uma gestão “equilibrada” do próprio tempo, entre a contemplação, a vida comunitária, as atividades, os estudos e as relações humanas, de modo que o frade nunca seja “engolido” pelas atividades a ponto de não ser mais disponível para ninguém, como também não caia no excesso oposto, na perda de tempo ou no ócio.

3.2. Uma formação que nasce da vida.

“A Igreja não cresce pelo proselitismo mas ‘pela atração’”

(Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, 14)

As *Novas Formas de vida e missão* apresentam-se como estilo de vida profundo com profunda renovação espiritual, desejando viver a formação permanente como permanente conversão³⁹. Ao mesmo tempo, elas estão em busca de novos caminhos para a evangelização, na escuta da Palavra de Deus e dos sinais dos tempos, procurando encarnar novos estilos de vida como fraternidades de menores, em uma dinâmica de ação pastoral mais compreensível às pessoas de hoje.

Desse modo, a fisionomia das Novas Formas aparece particularmente apta a relacionar-se com a formação, tanto permanente quanto inicial, exatamente porque estas Fraternidades pretendem tornar concreta e cotidiana aquela “*ratio*” ensinada nas casas de formação. De qualquer modo, elas encarnam a “*ratio*” em uma concreta “*operatio*”.

Nestes últimos anos, as Novas Formas foram lugares de experiência fraterna e de evangelização para muitos candidatos e frades em formação inicial, onde eles puderam experimentar formas de presença mais simples em contato direto com as pessoas do povo, particularmente nas “periferias do humano”.

Em não poucas Entidades, as Novas Formas ofereceram a inserção dos neoprofessos durante o período delicado que prepara à profissão solene, ajudando-os fazendo emergir o chamado do

39 Cf VC 69: “o processo de formação não se reduz à sua fase inicial, visto que a pessoa consagrada, pelas suas limitações humanas, não poderá mais pensar ter completado a gestação daquele homem novo que experimenta dentro de si, em cada circunstância da vida, os mesmos sentimentos de Cristo. A formação *inicial* deve, portanto, consolidar-se com a formação *permanente*, criando no religioso a disponibilidade para se deixar formar em cada dia da sua vida”.

Senhor na vida deles e superando as frequentes dificuldades desta fase; esta ajuda ficou explícita através do Projeto de vida e missão; reforçando e aprofundando os laços fraternos; dando qualidade ao espírito de oração e devoção; vivendo forma simples de minoridade, numa dinâmica de verdadeira formação continuada. Justamente pela estreita relação entre Novas Formas e Formação, torna-se fundamental cuidar do diálogo maduro e confiante entre Novas Fraternidades e o Secretariado Provincial para a Formação e os Estudos; tal ligação favorece profícuas ações sobre a vida da Província:

- sobre as mesmas Novas Formas de Fraternidade, primeiramente, que de tal modo se percebam de fato “inseridas” no corpo do Fraternidade inteira, em caminho de formação permanente, encontrando o seu espaço e a sua função⁴⁰;
- para aqueles que vivem nas casas de formação, então, que veem nas Novas Formas algumas expressões do próprio futuro e possíveis encarnações de quanto estão aprendendo;
- para todos os irmãos da Província, que podem encontrar nas Novas Formas um propositivo equilíbrio da vida *ad intra* e *ad extra*, entre os aspectos intelectuais e aqueles práticos, entre a qualidade de vida fraterna e o fervor apostólico;
- favorecendo novas experiências de formação permanente mais vitais e dinâmicas, flexíveis e encarnadas;

40 Cf *Vocês foram chamados à liberdade. A Formação Permanente na Ordem dos Frades Menores*, Roma 2008, n. 25: “O contexto da Formação Permanente é aquele da vida ordinária na Fraternidade local, inserida no mundo cultural, social e político, que permanece o primeiro e mais importante âmbito, no qual a pessoa aprende a deixar-se formar pelas múltiplas situações. A mesma Fraternidade local vive por sua vez dentro de uma rede de relações mais amplas representada pela Província ou Custódia, pelas Conferências e pela própria Ordem. É nela que se situa o chamado a partilhar a fé de acordo com o espírito da metodologia de Emaús... Não basta fazer programação e realizar iniciativas de formação, se não existe a capacidade de partilhar a vida. Todas as mediações de natureza pessoal e institucional são úteis na medida em que sustentam um itinerário de relações e de participação fraterna.”

- acolhendo aqueles jovens que, atraídos pela vida destas Fraternidades, desejam viver uma experiência de acompanhamento e de discernimento vocacional.

Em particular, olhando o Formação Inicial, as Novas Formas pretendem oferecer:

- períodos de envolventes experiências franciscanas durante as etapas formativas;
- acolhida e acompanhamento para o “ano franciscano” e para oportunas inserções;
- ajuda na avaliação da idoneidade de jovens frades e de seu chamado específico, através de oportunas experiências de vida e missão⁴¹;
- não se exclui, lá onde permitem as condições, que a Fraternidade Nova possa ser a própria casa de formação.

Para a Formação Permanente, as Novas Formas podem oferecer:

- uma formação permanente de fato vital, que fala da vida e conduza a vida, indo além dos aspectos de atualização e de preparação ao trabalho pastoral, mesmo que importante;
- a animação de jornadas de retiro e de estudo para os frades;
- a acolhida e o acompanhamento para períodos de *moratorium* e para o ano sabático;
- mesmo a nível interprovincial e internacional, as Novas Formas, segundo a sua fisionomia, podem ser meta para os frades que desejam partilhar com intensidade alguns valores de nossa vida ou que estão necessitados de recuperar certas motivações ou aspectos da vida e da missão franciscana.

41 Em sintonia com o que é indicado pela Ratio Formationis Franciscanae OFM.

3.3. Gerar Novas Formas: linhas para um caminho fraterno de acompanhamento e avaliação

“Aqueles que não caminham para não errar cometam um erro mais grave”
(Papa Francisco, Homilia em Santa Marta, 8 de maio de 2013)

O ponto de partida: o projeto.

Não é possível colocar-se a caminho, procurar viver algo de novo, sem uma proposta concreta, atrativa e realizável, que o seu núcleo não seja a *vita Evangelii Iesu Christi*. E este é o “coração” que guia o caminho a ser percorrido, que é colocado no centro de tudo e sobre o qual é necessário estar de acordo. As situações e os lugares nos quais realizar este projeto, por mais importantes que sejam, ficam como elementos secundários. Algumas vezes o Bispo diocesano teve uma importância notável ao definir os lugares mais aptos e as modalidades concretas possíveis. O processo de discernimento em alguns casos pode apresentar-se muito longos e elaborados, com a necessidade de diversos diálogos prévios seja internamente na Fraternidade provincial seja com a Diocese. É determinante que o projeto seja assumido como um projeto da Província, a qual será chamada a apoiar e avaliar o gradual desenvolvimento, especialmente em ocasião dos Capítulos Provinciais.

Os Irmãos das Novas Formas

Para iniciar é preciso pessoas convictas, decididas, que sabem aquilo que querem. São necessários ao menos três ou quatro, humanamente maduros, autônomos e complementários, pois não se trata do projeto de um sozinho, mas de uma Fraternidade na qual são valorizados os carismas de cada um. A iniciativa, amadurecida através de experiências, contatos, reflexões e discussões, deve nascer em um aberto e estreito diálogo com o Definitório da Província.

O programa

O programa concreto da vida deve assegurar a justa hierarquia e a coerência entre os três valores fundamentais da nossa vocação: vida de fé, fraternidade, presença entre os homens (missão). Um quadro real de oração litúrgica e pessoal exige a interiorização, a calma, o tempo e a fidelidade. As relações de fato fraternas precisam de uma presença habitual dos irmãos. A missão consiste antes de mais nada no testemunho que se manifesta através do nosso modo de viver e da acolhida aberta a quem quer que seja que vem a nós ou que nós encontramos. Regulares e frequentes momentos de avaliação fraterna são necessários para garantir o equilíbrio destes três elementos fundamentais do nosso carisma.

Papel da autoridade

Aos Capítulos e aos Ministros cabe o papel de estimular, de encorajar e de discernir. A autoridade pode e deve provocar, despertar e procurar as pessoas aptas, ajudar nos momentos de desconfiança ou de incompreensão. Os Ministros devem visitar regularmente estes irmãos, acompanhando-os de perto e cuidando do crescimento do projeto. Além disso, eles devem cuidar para que as Fraternidades tradicionais e aquelas novas mantenham contatos recíprocos e ajudem-se mutuamente, particularmente favorecendo uma boa relação com a formação permanente e as etapas formativas. São determinantes, sobretudo por ocasião dos Capítulos, os momentos de avaliação do Projeto “*ad experimentum*”, especialmente nos primeiros anos.

Relação com a Igreja

Favorecer um caminho de verdadeira comunhão com o Bispo, o Presbitério, os Religiosos e os Leigos dentro da Igreja local, sentindo-se parte, vivendo e oferecendo o nosso testemunho de frades menores, acolhendo todos com simpatia franciscana.

Conclusão

Enviados ao mundo inteiro

O Espírito “*chama a vida consagrada a elaborar novas respostas... novos projetos de evangelização para as situações de hoje*” (VC 73). Trata-se claramente de encontrar novas formas, novos sinais, novas mediações que coloquem em relação o Evangelho e o homem do nosso tempo. É uma exigência absoluta para não ficar fora da história e das culturas que fazem naturalmente o caminho delas, que mudam continuamente. São necessárias mediações fraternas experienciais “provisórias”, fortemente teocêntricas, mas que seguem com amor as exigências profundas do homem. O próprio estilo de vida das nossas Fraternidades deve reencontrar a força do testemunho e a clareza do anúncio.

Na Ordem existem muitos frades prontos para arriscar sobre este tipo de diálogo concreto com a nossa sociedade, prontos para a mobilidade missionária, animados pela paixão por Deus e pela compaixão pelo homem, sem deixar faltar a comunhão com todos. Mas, como liberá-los da preocupação angustiante de salvar as estruturas? Como superar o medo do fim de um tipo de instituição e a luta pela sobrevivência? Como viver novas formas de presença sem que estas lesem a unidade em uma determinada Entidade? Como superar o “sedentarismo” que paralisa o caminho de tantos frades e de tantas Províncias? Papa Francisco nos recorda: “*a cultura do bem estar nos anestesia*” (EG 54).

Já nasceram Fraternidades provisórias, móveis, interprovinciais, internacionais, inter-obedienciais, inter-religiosas, em colaboração com os leigos, onde a escuta, a auto-evangelização e a missionariedade são unidas. Trata-se de experiências episódicas, mas que podem tornar-se peças para um mosaico em vista destas novas mediações.

Segundo W.Goethe, “*a Europa nasceu em peregrinação e a sua língua materna é o cristianismo*”. O movimento franciscano também nasceu na mobilidade evangélica através da Europa e do mundo

inteiro. Por que não recuperar esta leveza e audácia evangelizadora favorecendo Fraternidades interprovinciais e internacionais?

Somos chamados a passar da lógica da conservação e da sobrevivência à lógica do dom gratuito; da estratégia da espera no “fechado” à audácia do encontro. Somos chamados a reconciliar constantemente, dentro de cada Fraternidade, Província e Ordem, *profetismo e comunhão*, novidade e continuidade, no respeito de cada irmão. Ousar novas formas de vida e evangelização não significa desvalorizar tudo que foi feito ou se está fazendo, mas somente “*elaborar novas respostas... novos projetos de evangelização para as situações de hoje*” (VC 73). O critério de verdade de cada forma de evangelização, nova ou já existente, não é a sobrevivência ou a comodidade, mas a correspondência do nosso estilo de vida ao Evangelho, à Regra, à “*coerência entre o anúncio e a vida*” (VC 85).

Cada região e cada cultura precisa encontrar nos franciscanos, nestas pequenas Fraternidades corajosas e proféticas, pontos de referência e de renovação. A atualidade provocante da vida e da mensagem do Papa Francisco é para nós estímulo e esperança. O mundo inteiro foi despertado por seu testemunho. O Papa acredita realmente na atualidade do nosso carisma vivido em fraternidade e minoridade entre as pessoas; mas nós acreditamos realmente?

Frei Jácomo Bini, ofm

*“O Espírito Santo
dê fervor apostólico a todos nós,
nos dê também a graça de provocar incômodo;
a graça de ir adiante rumo
às periferias existenciais.
A Igreja tem tanta necessidade disso!*

*Então, peçamos ao Espírito Santo
esta graça do zelo apostólico:
cristãos com zelo apostólico.
E se provocamos incômodo, bendito seja Deus!
Adiante, como diz o Senhor a Paulo: ‘coragem!’”.*

(Papa Francisco, *Homilia em Santa Marta*, 16 de maio de 2013)

Bem-aventuranças franciscanas para as Novas Formas de vida e missão

O sonho do beato Pai São Francisco de Assis

*“Bem-aventurados os pobres em espírito,
porque deles é o Reino dos Céus.
Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.
Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados.
Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça,
porque serão saciados.*

*Bem-aventurados os misericordiosos,
porque alcançarão misericórdia.
Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.
Bem-aventurados os que promovem a paz,
porque serão chamados filhos de Deus.
Bem-aventurados os que são perseguidos
por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus.*

*Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem e
vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal
contra vós por causa de mim.
Alegrai-vos e regozijai-vos,
porque será grande a vossa recompensa nos céus,
pois foi assim que perseguiram os profetas,
que vieram antes de vós.”*

(Mt 5,3-12)

Bem-aventurada a “nova forma de fraternidade pobre”, cuja única riqueza é Deus louvado na liturgia, que cura todos os dias as feridas do pecado devido ao egoísmo cheio de si, que pratica a arte da caridade, que dá espaço ao tempo de escuta, que partilha o pão da mesa e da Eucaristia com os vizinhos...

Bem-aventurada a “nova forma de fraternidade humilde”, sem outra perfeição a não ser os próprios defeitos, com os quais deverá reconciliar-se a cada passo, olhando a verdade de cada irmão face a face, exatamente como Deus olha, com um amor sem limites; irmãos que perdoam reconhecendo-se perdoados...

Bem-aventurada a “nova forma de fraternidade alegre”, que chora com aqueles que sofrem tantas injustiças, sem revoltar-se, e é empenhada na construção de um Reino novo e digno, a ser inaugurado sempre em cada coração e em cada casa, em cada família e em cada fraternidade; pois Jesus se fez irmão por nós...

Bem-aventurada a “nova forma de fraternidade misericordiosa”, que abraça as feridas do humano, seguindo Cristo que habita nos crucificados da terra e está com os pobres sem céu; semeando comunhão e comunidade, gerando aquele espírito de confiança que doa salvação às vítimas esquecidas da história...

Bem-aventurada a “nova forma de fraternidade pura de coração”, que vive sem duplicidade a própria consagração, não se reveste de perfeições falsas nem se dilui na mediocridade, mas busca uma santidade humana e solidária com todos os batizados do Povo de Deus em caminho, a Igreja...

Bem-aventurada a “nova forma de fraternidade pacífica”, que semeia perdão perdoadando, que gera relações novas, respeitando o pequeno e menor, pois Deus nos fez grandes com a promessa de um Reino que cresce como o fermento nas cruces cotidianas, que brota da ferida como salvação...

Bem-aventurada a “nova forma de fraternidade justa”, que com a sua fragilidade dá testemunho do poder da Palavra de Deus, cuja escuta *sine glossa* ilumina o caminho cotidiano com obediência, para poder comer o pão com a dignidade do trabalho suado e a satisfação de partilhar a fé no Deus que realiza as suas promessas através da eloquência silenciosa e ininterrupta dos sinais dos tempos...

Bem-aventurada a “nova forma de fraternidade perseguida”, onde o Evangelho é boa nova em primeiro lugar para a própria Fraternidade e depois para aqueles que ela encontra em seu caminho; sempre peregrina e forasteira, vivendo e anunciando a todas as criaturas, por quanto possível, que não existe nenhum outro Onipotente a não ser Deus...

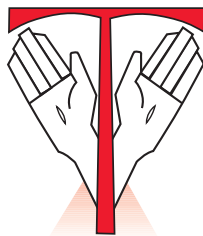
Alegrem-se e exultem de alegria perfeita, irmãos, quando vivem dando forma fraterna nova à novidade da vida do Evangelho, de acordo com a Regra e a Vida franciscana: orante, fraterna, menor, missionária e evangelizadora, em contínua formação... para seguir as pegadas de Cristo, na sua Igreja; com todos os homens, dos quais nos tornamos irmãos no serviço; com todas as criaturas, também elas irmãs... para confessar todos juntos, com a *Evangelii Gaudium*, o cântico pascal da criação: “*Louvai e bendizei o meu Senhor, agradecei-o com grande humildade...!*” totalmente confiados à santa promessa de Jesus, o Cristo: “*Alegrai-vos e regozijai-vos, porque será grande a vossa recompensa nos céus*” (Mt 5,12).

Maria, a Beata Mãe pobrezinha do Senhor, seja a estrela perene das “novas formas” franciscanas, para torná-las beatas sobre a terra como no céu. Amém

Frei Vidal Rodríguez López, ofm
Secretário Geral para a Formação e Estudos

Índice

Prefácio	5
Introdução	7
1. Vinho novo em odres novos	11
1.1. Um olhar sobre nossa história mais recente	15
1.2. “Novo”.. em qual sentido e por que?.	19
2. Novas Formas de vida e missão	25
2.1. Rumo à uma identidade comum. Linhas guias.	29
2.2. Uma vida que se faz harmonia	33
2.3. Uma vida, muitos rostos. Tipologia das Novas Formas.	37
3. Em relação dinâmica com as Fraternidades provinciais.	39
3.1. Rumo a uma renovação de vida e missão nas Fraternidades provinciais.	43
3.2. Uma formação que nasce da vida.	47
3.3. Gerar Novas Formas: linhas para um caminho fraterno de acompanhamento e avaliação.	51
Conclusão.	53
Bem-aventuranças franciscanas	59



SECRETARIATO GENERALE
PER LE MISSIONI E L'EVANGELIZZAZIONE
Via di S. Maria Mediatrix, 25
00165 Rome, Italy
www.ofm.org